



**FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 10 DE OUTUBRO, DE 2022 - 19H00**

Depois de ter deixado a sua marca na cinematografia nacional com “Douro, Faina Fluvial” em 1931, Manoel de Oliveira regressou como realizador numa nova obra agora ficcional sem nunca abandonar o tom documental com o seu Porto como pano de fundo, e que viria a ser um fértil terreno de experimentação para aquele que foi o mais frutuoso (e longínquo) cineasta português.

O texto que hoje vos deixo sobre o “Aniki Bóbo” é da autoria do crítico, cinéfilo, amante de cinema e então director da Cinemateca Portuguesa, Luís de Pina.

Frederico Corado



#### “Aniki Bóbo”, de Manoel de Oliveira (1942)

Realização, Argumento, Planificação e Diálogos: Manoel de Oliveira, baseado no conto

“Meninos Milionários”, de Rodrigues de Freitas; Poema: de Alberto Serpa; Fotografia: António Mendes; Assistentes de Fotografia: Perdigão Queiroga e Cândido Silva; Cenários: José Porto; Caracterização: António Vilar; Som: Luís Sousa Santos; Assistente de Som: Francisco Mesquita e Mário Malveira; Música: Jaime Silva Filho; Assistente Geral: Manuel Guimarães; Fotógrafo de Cena: João Martins; Montagem: Vieira de Sousa; Produtor: António Lopes Ribeiro; Assistente de Produção: Fernando Garcia; Estúdios: Tobis Portuguesa; Laboratório: Lisboa Filme

Com: Nascimento Fernandes, Fernanda Matos, Horácio Silva, António Santos, António Morais Soares, Feliciano David, Manuel Sousa, António Pereira, Américo Botelho, Rafael Mota, Vital dos Santos, Manuel de Azevedo.

Duração: 71 minutos; Estreia: Eden, 18 de Dezembro de 1942

#### ANIKI BÓBÓ

Em 1942, surgiu para Manoel de Oliveira a oportunidade, na pessoa de António Lopes Ribeiro (então concretizando o sonho de uma produção contínua), de realizar Aniki Bóbo, uma história poética com miúdos, baseada no conto de Rodrigues de Freitas Meninos Milionários.



A história é singela, real, simples, ambientada no mesmo cenário de Douro, Faina Fluvial: a zona ribeirinha do Porto e Gaia. Dois garotos, o Carlos e o Eduardo, gostam da mesma miúda, a Teresinha. Um é audacioso, brigão, atrevido; o outro é tímido, bom, sossegado. A rivalidade vai-se acentuando e, um dia, para agradar à sua (namorada), Carlos rouba uma boneca. Teresinha sente-se inclinada para ele até que um dia, numa inocente brincadeira, Eduardo escorrega por um talude e cai ao lado de um comboio que passa. Todos pensam que Carlos o empurrou e todos passam a afastar-se dele, enquanto Eduardo sofre numa cama de hospital. Carlos pensa fugir num barco ancorado no cais de Massarelos mas tudo se esclarece por intervenção do dono da Loja das Tentações que vira o acidente e que, no final tira todas as suspeitas de cima do Carlos. E os garotos poderão de novo jogar aos polícias e ladrões, ao jogo do Aniki Bóbó...



Reflexos do mundo adulto - e uma mensagem de paz e compreensão dita por Nascimento Fernandes, o homem da Loja das Tentações (um prodígio de interpretação) a todos os garotos perdidos em rivalidades inúteis: “Vocês são pequenos. Não conhecem a vida. Barulhos, zangas, não vale a pena!” Na verdade, pode perguntar-se qual é o sentido geral deste filme, para lá da deliciosa história dos jogos infantis. A nós, pareceu-nos um apelo ao bom entendimento, não ideal, programático, mas sentido, verdadeiro, dentro de reais normas de convivência. Porque aconteceu o desastre de Eduardo? Por terem faltado à escola, por terem fugido à máxima simples que se inscreve na sacola de sarja do Carlitos: “Segue sempre pelo bom caminho”? Sabido que Manoel de Oliveira pretendeu

neste filme reflectir os “jogos dos adultos” nos jogos das crianças, é fácil tirar conclusões. Nessa altura, as fronteiras do homem, haviam-no constrangido: “não esqueçamos” diz o autor - que Aniki Bóbó, embora inspirado no conto Meninos Milionários, do Dr. Rodrigues de Freitas, foi imaginado e realizado durante a guerra, em 1941-42.



Formalmente, Aniki Bóbó insere-se no melhor filão do cinema português, que é o do lirismo documental, aliado a um evidente realismo de ambientação. O Porto de Manoel de Oliveira é das melhores coisas que o cinema nacional nos deu, um autêntico cenário cinematográfico, escolhidos sempre os locais com mais relevo cinematográfico. Os actores, excepção para Nascimento Fernandes e Vital dos Santos, são garotos e gente ribeirinha. Que mais será preciso dizer para concluir que Aniki Bóbó é um autêntico precursor (como o haviam sido por exemplo, Maria do Mar e A Canção da Terra) daquele realismo mágico a que pertencem tantas e excelentes obras do cinema italiano dos finais dos anos 40, desde Dois Dias Fora da Vida a Sonhando pelo Caminho, desde Bom-Dia Elefante a Milagre de Milão, passando por Manhã de Páscoa e mesmo por Sciuscià?

Luís de Pina

Longas Metragens de Manoel de Oliveira

“Aniki-Bóbó” (1942); “Acto da Primavera” (1963); “O Passado e o Presente” (1972); “Benilde ou a Virgem Mãe” (1974); “Amor de Perdição” (1979); “Francisca” (1981); “Le Soulier de Satin” (1985); “O Meu Caso” (1986); “Os Canibais” (1988); “Non, ou a Vã Glória de Mandar” (1990); “A Divina Comédia” (1991); “O Dia do Desespero” (1992); “Vale Abraão” (1993); “A Caixa” (1994); “O Convento” (1995); “Party” (1996); “Viagem ao Princípio do Mundo” (1997); “Inquietude” (1998); “A Carta” (1999); “Palavra e Utopia” (2000); “Porto da Minha Infância” (2000); “Vou para Casa” (2001); “O Princípio da Incerteza” (2002); “Um Filme Falado” (2003); “O Quinto Império - Ontem Como Hoje” (2004); “Espelho Mágico” (2005); “Belle Toujours” (2006); “Cristóvão Colombo - O Enigma” (2007); “Singularidades de uma Rapariga Loura” (2009); “O Estranho Caso de Angélica” (2010); “O Gebo e a Sombra” (2012)